



CENTRO UNIVERSITÁRIO GUANAMBI

BACHARELADO EM PSICOLOGIA

**ANDREZA RAMAYANA CRUZ SILVA
SILVANIR FERNANDES SANTANA PÚBLIO**

**LUTO MATERNO DE MÃES QUE PERDERAM SEUS FILHOS QUANDO
CRIANÇAS**

Guanambi/BA

2022

ANDREZA RAMAYANA CRUZ SILVA
SILVANIR FERNANDES SANTANA PÚBLIO

**LUTO MATERNO DE MÃES QUE PERDERAM SEUS FILHOS QUANDO
CRIANÇAS**

Artigo científico apresentado ao curso de Psicologia do Centro Universitário FG – UNIFG como requisito de avaliação da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: Prof. Jaldo Cambuy da Silva Júnior.

Guanambi/BA

2022

LUTO MATERNO DE MÃES QUE PERDERAM SEUS FILHOS QUANDO CRIANÇAS

Andreza Ramayana Cruz Silva ¹, Silvanir Fernandes Santana Públio ¹, Jaldo Cambuy da Silva Junior²

¹Graduandas do Curso de Psicologia do Centro Universitário - UNIFG

² Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário - UNIFG

RESUMO - O objetivo deste artigo é apresentar uma revisão integrativa da literatura científica acerca do luto de mães que perderam seus filhos quando crianças. Através das bases de dados Scielo; Medline; e Pepsic, com informações de revistas, livros, monografias, dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos publicados entre os anos de 2000 à 2022. Dentre as contribuições do referencial, enfatizou-se, a importância de falar sobre as emoções relacionadas à vivência do luto de mães que perderam seus filhos ainda na infância, seus comportamentos e sentimento. Por esta razão é essencial abordar sobre emoções vividas nessas circunstâncias. Como resultado, conclui-se que o estudo referente ao luto materno é um viés válido para a humanização dessas emoções, garantido a elas um lugar de fala.

PALAVRAS-CHAVE: Luto materno, luto, história do luto.

ABSTRACT - The purpose of this article is to present an integrative review of the scientific literature on the grief of mothers who lost their children as children. Through Scielo databases; Medline; and Pepsic, with information from magazines, books, monographs, master's dissertations, doctoral theses and scientific articles published between the years 2000 to 2022. Among the contributions of the reference, the importance of talking about emotions related to experience of the mourning of mothers who lost their children in childhood, their behaviors and feelings. For this reason, it is essential to address emotions experienced in these circumstances. As a result, it is concluded that the study regarding maternal grief is a valid bias for the humanization of these emotions, guaranteeing them a place of speech.

KEYWORDS: Maternal mourning, mourning, history of mourning.

1 INTRODUÇÃO

O falar sobre luto sempre tem suas dificuldades, já que aborda sentimentos considerados dolorosos de serem compartilhados pelas pessoas. Ramos (2016) traz que o luto pode ser visto pela sociedade como uma doença, ou seja, como uma condição precária acompanhada de dor e cheia de significados, marcada por gerações, tradições e contextos históricos culturais, em que a perda perpassa pela pré-história aos dias atuais e marca o enlutamento na memória do enlutado, fato que ratifica o tabu ao falar sobre morte.

Relatar as emoções pós-perda de entes queridos faz com que muitas pessoas sintam-se fragilizadas e expostas sobre suas relações de convivência. Lidar com situações de perda sem alguma preparação pessoal ou compreensão do luto faz com que o processo possa se tornar mais doloroso. . A convivência com a perda é singular e não poder ser tomado da mesma forma para todas as pessoas. É necessário compreender o luto considerando a individualidade de cada enlutado. Sendo resultado de rações individuais que muda de pessoa para pessoa, é importante, que diante das situações de perde de um ente querido haja apoio da família ,amigos, de profissionais que possam ajudar essa perda a tornar-se menos dolorosa. (ANDRADE; MISHIMA-GOMES; BARBIERI, 2017).

O “gerar a vida” da gestação traz consigo a esperança de que as mães passarão pelos trimestres gestacionais e conseguirão criar seus filhos por longos anos. A expectativa do viver é inerente ao ser humano, desse modo “a morte de um filho é uma dura situação que interfere em diversos aspectos na vida das mães” (ANDRADE; MISHIMA-GOMES; BARBIERI, 2017).

Nesta perspectiva é importante compreender como problema desta pesquisa: como mães que perderam os seus filhos ainda crianças, lidam com o processo de luto? Como possíveis repostas, sugere-se que as mães vivenciam o luto durante um tempo maior que os demais familiares e que a vivência deste sentimento, em grande parte dos casos, causa danos irreparáveis à saúde mental e qualidade de vida das genitoras.

Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo, entender o luto de mães que perderam seus filhos quando crianças e para tanto, deve especificamente compreender os principais sentimentos relacionados ao luto materno, entender o conceito e o contexto histórico de luto e as especificidades da elaboração do luto de mães que perderam seus filhos quando crianças.

A relevância deste trabalho ancora-se na possibilidade de que contribua para que a sociedade tenha conhecimento do enlutamento e, a partir disso, perceba seus sentimentos e comportamentos na tentativa de encontrar mecanismos que melhore a compreensão do seu

processo, o que pode proporcionar conforto psíquico, auxiliar no processo de elaboração dessa grande perda e oferecer ao meio acadêmico, através de subsídios bibliográficos, recursos para que esse tema seja melhor compreendido.

Este trabalho se subdivide em introdução, onde foram expostos os objetivos, justificativas e problema de pesquisa; em referencial teórico com os capítulos relativos ao contexto histórico, luto e Luto materno. Após a metodologia, o trabalho foi concluído com o capítulo Considerações Finais e finalizado com as Referências Bibliográficas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO

Para Ana Mafalda Pereira Lopes (2017), apesar dos vários trabalhos que descrevem atitudes diante da morte, não há notícia de estudos que contemplem de modo preciso a questão do luto. Geralmente reveste-se de manifestações de dor e tristeza que estão ligadas às emoções e como elas foram mudando ao longo da história. Ao contrário dos dias atuais nas sociedades medievais, o luto era manifestado nos prantos, lamentações públicas, desde o corte e o despentear dos cabelos, no arrancar ou deixar crescer a barba, no abandono da higiene, no desprezo pelo corpo, na cor das roupas e nos tipos de tecidos utilizados.

Para a autora supracitada, na passagem do século XV para o século XVI (1491-1557), o luto conheceu algumas alterações, adquiriu novos aspectos, principalmente no meio das elites cortesãs e aristocráticas, que foram fugindo das práticas de lutos medievais para dar espaço a outros rituais. Essa nova expressão via-se nos vestuários, na duração e na intensidade do luto, os funerais tornavam-se mais requintados e com comportamentos menos descontrolados.

Em função dos menos requintados, repercutia-se a conservação de velhos modos de luto, como o pranto que iria continuar na cultura popular até o século XX. Assim, o luto passou de uma manifestação mais ou menos natural da dor para um comportamento controlado de formalidade que entra em curso no final da Idade Média e permanece no caminho para modernidade (Lopes, 2017).

Lopes (2017), quando se refere ao luto na sua transição da Idade Média para a modernidade (1491-1521) destaca o comportamento da família real no ano de 1491, por ocasião da morte do príncipe D. Afonso, filho único de D. João II e D. Leonor. O luto por D. Afonso poderia ter dado continuidade às antigas práticas de despedida.

Por outro lado, apresentou-se com uma nova atitude diante da morte, sobretudo, por parte da família real a que demonstrou um comportamento condizente com sua posição social. Entretanto, mesmo estando num momento de modificação de comportamentos, a família real não deixou de demonstrar publicamente o seu luto e em algumas situações, refutar normas e preceitos em função de explicitar suas emoções mais sinceras pela morte do filho (Lopes, 2017).

Na Idade Média, a maneira de manifestar o luto era coberta de comportamentos que apresentavam estruturas violentas, onde as pessoas davam tapas, os homens arrancavam os cabelos e as barbas, as mulheres arranhavam seus rostos. Essas manifestações, assim como os prantos e lamentações eram exercidas por todos, começando pelos reis e se estendendo aos súditos. Embora parecesse comportamentos irrealistas, as manifestações, lamentações, assim como as cerimônias fúnebres, faziam parte dos rituais a serem seguidos, tornando-se quase obrigatório em ocasiões de luto (Ana Mafalda Pereira Lopes, 2017).

Conforme Ana Mafalda Pereira Lopes (2017), as explicações em torno das manifestações violentas de expressar o luto podem ser muitas. Há situações em que o enlutado pode infligir dor a si mesmo, ao seu corpo, como forma de manter em memória o prolongamento de um acontecimento tão expressivo. Por outro lado, as manifestações violentas podem se expressar como um sacrifício, um bem oferecido ao morto, algo valioso como sangue ou o cabelo dos vivos.

As lamentações e os prantos eram percebidos como maneiras de afastar e exprimir o sofrimento, ou seja trazer à tona a dor causada pela morte. Quanto maior a dor do enlutado, maior a intensidade do sofrimento. O luto apresentava um certo exagero e podia ser realizado por familiares, amigos, subordinados do morto e até por pessoas contratadas. (Lopes, 2017)

Segundo Ricardo da Costa (2017), desde o século I a.c., filósofos romanos já se afirmavam a respeito do luto, como uma situação que poderia fazer correr lágrimas pelos seus entes queridos desde que não fosse por longo tempo. Os antigos romanos haviam instituído o luto de um ano às mulheres não por que deveriam chorar exatamente por um ano, mas para que não chorassem por mais tempo. O historiador Johan Huizinga (1872-1945), há quase cem anos já em sua famosa obra *O Outono da Idade Média* (1919), alertava para a notável sensibilidade à flor da pele das culturas antigas, dos medievais que eram mais sentido, sofrido e regozijado.

Com o advento do cristianismo as lágrimas foram valorizadas, mas antes desse advento já era dado às mulheres a função pública de sofrerem o luto, como se o corpo dos defuntos pertencessem às mulheres, como intercessoras que faziam a conexão com a

eternidade. Eram mulheres de influência na transmissão das virtudes e na propagação da fé cristã. (Ricardo da Costa, 2017).

O luto passava necessariamente pela mulher. Nessas sociedades tradicionais, eram elas que transmitiam e mantinham as virtudes da linhagem. Durante a Idade Média, a passagem da vida terrena para a vida eterna era uma lenta agonia, importante e necessária. Jovens e idosos pranteavam o luto (COSTA, 2017). Colocando assim, uma particularidade em cada caso de enlutamento, variando pela idade e pelos princípios aprendidos por cada indivíduo da sociedade.

Araújo & Vieira (2001) apontam que, na Idade Média, as mortes eram vividas com mais tranquilidade, eram mais familiares, por isso eram consideradas como um fato natural, os moribundos pressentiram suas partidas e também faziam seus próprios rituais de despedida. Desse modo, a morte torna-se adaptável para a vida medieval, já que “a morte era domesticada, era algo comum à vida cotidiana do homem medieval, provavelmente pelo fato do sentimento de comunidade ser muito forte e as pessoas estarem sempre muito próximas” (MORAIS, 2014).

No contexto nacional, o processo do luto se expressa no sentimento de permanecer a lembrança daqueles que se foram durante a ditadura militar. O temor pelo esquecimento foi importante para que de alguma forma “os familiares das vítimas da Ditadura Militar no Brasil passassem a lutar para que seus mortos não fossem apenas sepultados, mas também para que a memória fosse preservada e a história narrada” (SOUZA, 2015).

Nos últimos anos, a inserção da Pandemia da Covid-19 fez com que em vários países tivesse um número exacerbado de mortes, levando no contexto brasileiro, de acordo com a CNN (Cable News Network) Brasil, nas pesquisas até março desse ano, ocorreram 650 mil mortes devido essa contaminação. Partindo desse pressuposto, muitas mães que perderam seus filhos não puderam presenciar o ritual de velório e enterro por conta dos procedimentos do isolamento social, prejudicando a simbolização da quebra desse elo físico. Os rituais de passagem e de despedida, como velórios e sepultamentos, são de grande valia para a construção do sentido da perda e para o processo de recuperação do luto (MAIA; CAMPOS; FERREIRA, *et al.* 2021).

O protocolo criado para a despedida em tempos pandêmicos foram extremamente rígidos e obrigatórios para serem seguidos, variando em cada sociedade, país e cultura, tendo em vista aquilo que se é imposto ou perpassado pelas gerações de cada lugar (SILVA; PINTO; MARTINS, 2020).

2.2 O LUTO

Existem várias teorias que podem abordar sobre o luto e seu processo de compreensão, falar sobre a perda de alguém pode parecer ser complicado pois toca em uma ferida muitas vezes aberta na sociedade. Assim, o conhecimento do que pode significar e conceituar o luto, tange uma importância significativa ao abordar sobre todas as questões presentes (Vera Alexandra Barbosa Ramos, 2016).

Para com Worden (1991), o luto contém 4 condições básicas: 1. Aceitar a realidade da perda, 2. Trabalhar a dor advinda da perda, 3. Ajustar o ambiente em que o falecido está ausente, 4. Praticar tarefas antes do processo de luto, uma vez que o luto é um processo e não um estado.

O luto como perda de alguém significativo pode modificar a dinâmica da vida de uma pessoa, família, comunidade e precisa de um determinado tempo para que haja adaptação e reorganização à situação (Ramos, 2016). Busca compreender que cada sociedade organiza o seu próprio processo do luto, e a individualidade de cada um, que visa o seu singular jeito de adaptação do enlutamento à sua maneira.

Shuchter & Zisook (1993 cit. por Haggman, 1996) afirmam que o luto é um fenômeno natural que ocorre depois da perda de uma pessoa significativa, sendo um processo individual, que varia de pessoa para pessoa, de momento para momento e que envolve muitas dimensões do ser humano. É interessante observar que cada pessoa vivencia o luto de modo diferente, assim como é diferente o luto entre crianças e adultos no rompimento do vínculo real e concreto entre eles e seus entes queridos.

Conforme Kovács (1992) "a morte como perda nos fala em primeiro lugar de um vínculo que se rompe, de forma irreversível, sobretudo quando ocorre perda real e concreta". Assim, o contato entre duas pessoas pode ser considerado como uma linha vital de suas relações, que quando se perde pelo luto, um vazio se instala no viver da outra pessoa. Os momentos de dor e sofrimento tem a precisão de serem aceitas e compreendidas por quem as vive e quem está ao seu redor, como a perda da mãe e dos familiares que tem proximidade com o sujeito.

O processo de luto é complexo e cada pessoa vivencia de modo diferente, em culturas diferentes. O contexto em que está inserido também influencia a pessoa que vai encarar o luto. Cada indivíduo tem seu tempo e processo pessoal para vivenciar e encerrar o seu próprio luto (RAMOS, 2016). Esse tempo pode durar dias, meses ou anos, a partir do entendimento do ser humano sobre o luto e também a complexidade de seus sentimentos

referentes à pessoa perdida, nesse caso, o elo entre mães e filhos que se é interrompido antes do que se é esperado.

Parkes (1998) afirma que o luto assemelha-se a uma ferida física, mais do que qualquer outra doença. Tal como no "ferimento", aos poucos ele cura e cicatriza, no entanto, podem aparecer complicações e a cura se tornar mais lenta, ou pode abrir um novo ferimento naquele que estava quase curado. Fukumitsu (2004) também faz uma analogia do processo de luto ao processo de cicatrização.

Nota-se que tanto para Parkes (1998) quanto para Fukumitsu (2004) o luto é bastante doloroso para qualquer pessoa, deixa cicatrizes que muitas vezes podem gerar outros obstáculos que tornam a cura mais lenta e criam novas feridas. Os ferimentos abertos pelo luto requerem tempo para se curar, suas cicatrizes não serão ignoradas pois são uma confirmação de que uma ferida que existiu.

Assim como Worden (1991), John Bowlby (1990), observou também quatro fases do luto: 1) o entorpecimento, 2) o anseio, 3) a desorganização e o desespero e 4) a reorganização. Na primeira fase, o entorpecimento, as pessoas que são noticiadas a respeito da perda, passam por um período de choque e negação da realidade, ficam extremamente aflitas, por um período de horas a uma semana.

A segunda fase, o anseio, é marcada pelo desejo de recuperar o ente querido, de trazê-lo de volta. Há buscas frequentes e espera pela aparição do morto; o enlutado passa a ter sonhos com a pessoa que faleceu e muita inquietação; culpa e ansiedade são manifestações que surgem após o enlutado compreender a morte.

A terceira fase é caracterizada pelo desespero e desorganização, sentimentos de raiva e tristeza são comumente encontrados, a pessoa se sente abandonada pela que partiu e incapacitada de fazer algo. No entanto, depois que a pessoa tiver passado por momentos de raiva, choque, tristeza, entorpecimento, tem como tendência o restabelecimento. Embora experienciando a saudade e ainda se adaptando às modificações causadas pela perda, o enlutado poderá retomar suas atividades e rotina, fato que completa a quarta e última fase do luto - a reorganização.

No livro *Sobre a Morte e o Morrer* da autora Elizabeth Kubler-Ross (1985), aborda fases do luto que podem ser vivenciadas durante todo o processo, desse modo às fases são apresentadas como: negação, elaborada pela dificuldade do entendimento de como se dará o seguimento da vida; a raiva, atribuída pelo sentimento de culpa, revolta e ressentimento a partir da compreensão sobre a perda decorrente; barganha, processo de negociação que a pessoa possa fazer com a probabilidade de reverter à situação; depressão, dificuldade de se

readaptar com a vida, podendo ocorrer tristeza e isolamento da parte da pessoa; e por fim, a aceitação, que é marcada pelo o processo de sua reorganização, no qual se aprende a dar seguimento na vida após a perda.

Kubler-Ross traz a morte na literatura de modo que possa ser compreendida, como fases que podem ser vividas separadamente ou totalmente misturadas, mas que também são necessárias para o ser humano, estar passando pelas fases do luto podem colaborar para a construção de indivíduo em seu contexto biopsicossocial e espiritual, no qual a fé entra para também tentar suprir a busca de explicações sobre o morrer.

Worden (1983) relata alguns fatores que podem alterar a maneira como as pessoas vivenciam o luto: *Características do morto* - importante obter informações sobre o morto para então compreender as reações do enlutado à perda; *natureza da relação de vinculação* – interessante ter conhecimento do tipo de ligação, vínculo com a pessoa perdida ; *circunstâncias da perda* - compreender a forma como a pessoa morreu, se de forma repentina, inesperada, violenta, traumática; *história pessoal* - experiência da pessoa em relação às perdas em geral que podem influenciar em como a pessoa lida com luto; *personalidade e variáveis sociais* - refere-se a personalidade, características individuais muito importantes para lidar com o processo de luto.

A instabilidade provocada pelo caos permite que a pessoa se afaste de um comportamento programado e bloqueado proporcionando uma maior fluidez figura/fundo e uma maior abertura à vivência de novas situações. As perdas podem oferecer uma parada na correria da vida, para refletir e reavaliar qual o sentido que está sendo dado a ela, avaliar o que está sendo valorizado e o que está sendo deixado de lado, reconfigurando e reorganizando a vida (SOUSA, 2016).

2.3 LUTO MATERNO: SENTIMENTOS E ESPECIFICIDADES

Conforme Mazorra (2009), vivenciar a perda de um ente querido pode significar o enfrentamento de muitas dificuldades. O conjunto de reações diante de uma perda e a tentativa de reconstruir e organizar a vida são parte do trabalho do luto. Para Carter & McGoldrick (2001), no caso da perda de um filho, é necessário que os pais possam construir uma nova realidade sem a criança, desconstruindo todas as expectativas em relação a seu desenvolvimento e crescimento.

O luto parental é complexo, não linear e contínuo, pois a perda rompe com o equilíbrio familiar e compromete a qualidade do ambiente. A perda de um filho é muito difícil

para toda família, sobretudo, para a mãe que sofre maior impacto, vivencia de forma muito mais dolorosa, como perda de sentido da vida e outros aspectos de dor diante dessa perda significativa. De acordo com Freitas (2013) o grupo familiar é tido como um dos mais relevantes em nossa cultura, com papéis, funções e relações bem delimitadas e estabelecidas, mesmo que em constante mudança. Entretanto, devido ao campo das singularidades há, certamente, muitas formas de ser mãe ou irmão. Tais formas podem ser pensadas, mas não previstas, pois cada família tem um sentido e uma configuração para os papéis que são desempenhados pelos diferentes membros do grupo e a isso o psicólogo que atua na área deve estar atento.

Berten (2010) faz uma reflexão sobre a incomunicabilidade do sofrer. Para ele, o sofrimento encontra-se na esfera do indizível. Partilhamos desta concepção ao entendermos que a dor de perder um filho é indescritível e incomensurável, e, portanto, anuncia-se como impossibilidade de expressão total. O luto de uma mãe praticamente fecha o círculo da sua própria vida. Não há fórmula mágica de como lidar com essa dor inexprimível, que pode se apresentar em forma de dor psicológica, emocional e até dor física.

Em alguns casos a não superação desta dor pode causar desorganização familiar e até rompimento dos laços afetivos entre quem fica. Surge então, os questionamentos sobre a perda desse lado materno, o não deixar de ser "mãe" mesmo quando se perde seu filho aumenta os sentimentos confusos e a dor que não se é explicável para cada mulher que vive essa perda de forma tão inesperada.

Falar sobre o luto de forma naturalizada ainda é um empecilho designado pela sociedade, quando mães perdem seus filhos ainda no início do seu desenvolvimento, o sofrimento é considerado um dos maiores existentes, pois “criança é sinônimo de alegria, amor, desenvolvimento e não de terminalidade, desta forma, se tem a idealização que a vida desse sujeito não se cumpriu e foi ceifada prematuramente” (FRASSON; CASTRO; VIDAL, 2021).

Quando uma mãe perde seu filho na infância, popularmente falado, no início da vida, vários sentimentos são expostos em relação a esse enlutamento. Para Bezerra *et al* (2022), quando se trata do ser materno, a fase do luto pode desencadear possibilidades de respostas negativas e destrutivas, exigindo cuidado deliberado e extenso. Em decorrência dessas respostas, casos de ansiedade e depressão podem aumentar, bem como o uso de fármacos que aliviam os sintomas.

A utilização dos fármacos acabam sendo utilizadas de forma exacerbada ou como forma de mascarar a dor o tempo todo, tornando-se perigoso a automedicação fora dos

amparos médicos e a partir de um diagnóstico concreto. O aliviar dessa dor de forma bruta ou ilusória pode agravar esse sentimento a partir do momento que ele retorna para o ser humano. Já que, para o manejo farmacoterapêutico do luto recente com antidepressivos ou ansiolíticos, por exemplo, não é somente uma alternativa gravemente simplista, mas também falha: não só, em grande parte das pessoas, a vivência do luto pode fazer parte da sua resolução adequada (ALVES; COUTO; SANTANA, *et al*, 2021).

O romper prematuro desse laço materno com seu filho é carregada de sentimentos que invadem a mãe, justamente por não ser esperada a chegada do fim para a vida de sua criança, assim, a falta de preparação para a perda de um filho faz com que pais sintam-se angustiados, com pânico, por conta da comunicação não mais existente, bem como o toque, podendo dificultar a elaboração do luto para que, por fim, ocorra a aceitação. Não havendo esse último estágio, a mãe entra na fase de um luto eterno, que compromete sua estrutura psíquica (MARVILA; GONÇALVES; FERREIRA, 2018).

O apoio familiar diante o luto parental, no qual mães perdem seus filhos se faz necessário, para que essas mulheres tenham uma fonte de sustento, havendo a possibilidade de perpassar por todo o processo de perda, utilizando de meios que possam facilitar a trajetória. Desse modo, é essencial o processo criativo na elaboração das vivências da perda, pois, por meio deste processo, a realidade pode ser suportada, sem sequelar o seu desenvolvimento emocional.

Além do apoio familiar e social, para elaborar o luto, o enlutado deve utilizar da própria capacidade criativa para reparar a sua perda sofrida, ressignificar e elaborar seus sentimentos, para que a dor não comprometa a sua capacidade de dar continuidade à vida (DE ANDRADE; MISHIMA-GOMES; BARBIERI, 2017).

Essa criatividade pode auxiliar nas maneiras de como o enlutado possa seguir em frente, retornando seus afazeres após a perda de seu ente querido, levando em consideração que os momentos ficarão guardados na memória e que a saudade pode permanecer, porém que suas atividades tenham continuidade. Já que as emoções precisam ser expressas, pois trabalhando com elas, as mesmas se esgotam (SOUSA, 2016).

Continuar a vida após a perda faz com que pensamentos e sensações se misturem no corpo materno, já que dar esse passo pode criar inúmeros significados, já que “os sentimentos de incapacidade, de vulnerabilidade são os preditores das dificuldades intrínsecas da perda; aliás, são os grandes geradores da desorganização que atinge as pessoas que perderam um ente querido” (BASSO; WAINER, 2011).

O sentimento materno torna-se o ponto central quando se trata do luto de sua criança, já que essa perda é derivada de constantes questionamentos relacionados à fé, cultura e vivência dessa família. Ao levantar o quesito religioso, o ressignificar do luto perpassa por crenças e idealizações, trazendo a compreensão das mudanças de ideias. A existência de um espaço do pesar, com pessoas que professam uma fé e crença religiosa, é um aparato comunitário para a elaboração do luto (DE PAULA, 2005).

Considera-se que a dor não é necessária, que evitar é uma condição adequada, porém quando existe, causa clareza e mudanças para a vivência do ser humano. Colocando na posição escondida por ser dolorosa, mas que também se revela transformadora, validando a importância do entristecer (COSTA, 2015).

E sobre esse validar, torna-se indispensável compreender ao menos um pouco dessa vivência de luto, que aflige as mães desde o processo de gestação, quando se tem alguma intercorrência, bem como doenças que possam chegar, ou as formas acidentais dos quais não se espera e nem se tem uma preparação e/ou prevenção do que pode ocorrer.

Dar esse novo sentido pode ser complicado, mas é uma possibilidade de olhar por outra vertente o luto vivido, criando novas inferências diante os sentimentos vivenciados por essas mães que perdem seus filhos na primeira infância. Visando compreender sobre essa perda, e como esse lado materno muitas vezes perde o significado para mulheres que acabam vivendo o luto de seus filhos precocemente.

3 METODOLOGIA

O estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, que de acordo Gil (2008) são pesquisas baseadas em artigos, teses, dissertações, livros e revistas publicadas academicamente. Para tanto, foram utilizadas as bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciElo) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), orientados pelos seguintes descritores: Luto materno, luto, história do luto; obedecendo uma linha de tempo compreendida entre os anos 2000 e 2022.

Foram encontrados 102.000 artigos referentes ao luto, mas baseados nos descritores materno e a história foram separados 50, dentre estes, foram escolhidos 21 artigos para realização do trabalho. Foram inclusos artigos que se enquadraram à temática de forma pertinente e que contribuíram para a realização da pesquisa como exemplo: compreender a história do luto; o contexto histórico, cultural e social do mesmo; entender o luto materno e apoio familiar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O luto materno entra na história da civilização não apenas como morte, mas como experiências vivenciadas nas praças públicas demonstradas mediante choro, tristeza, manifestação de comportamentos individuais, comunitários e rituais referentes ao luto em cada época. Ao longo dos anos e do contexto social de cada lugar, o luto foi se adaptando e se tornando mais reservado, os rituais de despedida foram criados e recriados em cada sociedade para que, aqueles que ainda estivessem em vida, pudessem prestar suas homenagens àqueles que se foram.

Para a elaboração do luto, é necessário compreendê-lo e vivenciá-lo considerando a individualidade de cada enlutado, razão pela qual, torna-se importante a quebra da sua privatização. A perda de um ente querido traz desorganização da estrutura familiar e de todos aqueles que compõem a vida do ser humano. O sentimento da perda perpassa e varia de sujeito para sujeito. Assim, faz-se necessário conversar sobre o que a pessoa sente após perder alguém significativo e refletir de que forma essa perda pode afetar toda a organização pessoal, familiar e social presente.

O luto pode ser explicado de diversas maneiras e depende de como cada pessoa consegue absorvê-lo. Deixar de falar sobre o mesmo pode trazer angústias e sofrimentos atrozes. A perda de um filho cria turbilhões de pensamentos e a falta de preparo pode intensificar essa dor, já que se é inconcebível que o filho possa partir antes da sua mãe. Assim, o contato da família e o apoio nesses momentos são cruciais para enfrentar todas as fases impostas pelo luto.

A morte de um filho é a única dor que não se nomeia, portanto, é relevante a existência de material para estudo e pesquisa, trabalhos acadêmicos, projetos de intervenção e recurso diversos voltados para o luto de mães que perderam seus filhos. Essa temática poderá contribuir para minimizar os sofrimentos das mães enlutadas, ajudando no acolhimento e possível ressignificação do luto, como também, contribuirá como fonte de pesquisa para estudantes, profissionais e equipes multidisciplinares que queiram abordar esse tema.

REFERÊNCIAS

ALVES, A.M; COUTO, S.B; SANTANA, M.P. *et al.* Medicalização do Luto: **limites e perspectivas no manejo do sofrimento durante a Pandemia.** Disponível em <https://www.scielo.br/j/csp/a/YHWQpRrcnJxSSGYQstLHbGs/?lang=pt>. Acesso em 19 de Outubro de 2022.

ANDRADE, M.L., MISHIMA-GOMES, F.K.T, BARBIERI, V. Recriando a vida: **o luto das mães e a experiência materna.** *Psicol. teor. prat.* vol.19 no.1 São Paulo abr. 2017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872017000100002 acesso em 16 de Maio de 2022.

ASSIS, G.A.P; MOTTA, H.L; SOARES, R.V .Falando sobre presenças-ausentes: **vivências de sofrimento no luto materno.** *Rev. NUFEN* [online]. 2019, vol.11, n.1, pp. 39-54. ISSN 2175-2591. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912019000100004 acesso em 15 de Maio de 2022.

BASSO, L.A; WAINER, R. Luto e perdas repentinas: **contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental.** Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000100007 acesso em 26 de Maio de 2022.

BEZERRA, M.A.R.; ROCHA, R.C.; CARNEIRO, C.T. *et al.* **O tempo do luto materno pelo filho que morreu na infância.** *Esc. Anna. Nery* 26, 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ean/a/KqjHPRnhmcbfLmVLYpqrkjc/?lang=pt> acesso em 16 de Maio de 2022.

BOGDAN, R. S.; BIKEN, S. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Ed Porto. **Coleção ciências da educação.** pág. 15-18, 2003.

CNN BRASIL. **Brasil chega a 650 mil mortes por Covid-19.** Atualizado em 02 de Março de 2022. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasil-chega-a-650-mil-mortes-por-covid-19/>. Acesso em 15 de Outubro de 2022.

COSTA, A.P.R. A RECONSTRUÇÃO DA FÉ NO ENFRENTAMENTO DO LUTO: **TEOLOGIA E PSICOLOGIA EM DIÁLOGO.** Dissertação Mestrado em Teologia, Porto

Alegre, PUCRS, 2015. Disponível em

<https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/5891/1/466168.pdf> acesso em 25 de Maio de 2022.

CONTRIM, A.M. Atendimento de familiares enlutados: **um estudo acerca do coping religioso/espiritual, da ansiedade e depressão**. Dissertação mestrado, Faculdade de

Medicina da Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em

[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5155/tde-23042018-](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5155/tde-23042018-131554/publico/AnaMoreiraCotrimVersaoCorrigida.pdf)

[131554/publico/AnaMoreiraCotrimVersaoCorrigida.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5155/tde-23042018-131554/publico/AnaMoreiraCotrimVersaoCorrigida.pdf) acesso em 27 de Maio de 2022.

DE PAULA, B. **A Contribuição do consolo religioso na elaboração do luto**. Revista Caminhando, v.10, n. 2 [16]- 2. Sem. 2005. Acesso em 26 de Outubro de 2022.

FRASSON, T.C.; CASTRO, A.; VIDAL, G.P. **Sempre serei sua mãe: luto e ressignificação de mães de crianças e adolescentes em tratamento oncológico**. Rev. Psicol. Divers. Saúde, Salvador, 2021 Novembro;10(3):381-397. Disponível em

<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/3787/4487> acesso 16 de Maio de 2022.

FREITAS, J.L. Luto e fenomenologia: **uma proposta compreensiva**. *Rev. abordagem gestalt*. [online]. 2013, vol.19, n.1, pp. 97-105. ISSN 1809-6867. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013

acesso em 10 de Maio de 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: ATLAS, 2008.

Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 19 de Outubro de 2022.

MAIA, B.B; CAMPOS, B.R.R; FERREIRA, F.N, *et al*. E os que ficam? **Cartilha de Orientações Sobre o Luto Decorrente da Morte entre o Ente Querido no Contexto da Covid-19**. Acesso em 20 de Outubro de 2022.

MARVILA, W.S.; GONÇALVES, L.M.; FERREIRA, N. **A DOR POR TRÁZ DO LUTO MATERNO: UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DOS MECANISMOS DE SOBREVIVÊNCIA CRIADOS A PARTIR DO LUTO**. Faculdade Multivix, 2018.

Disponível em <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/08/a-dor-por-traz-do-luto-materno.pdf> acesso em 25 de Maio de 2022.

MORAIS, Y.B. **A MORTE, O LUTO E A MEMÓRIA: POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO SOCIOCULTURAL E HISTÓRICA.** Cadernos de Clio, Curitiba, n.º 5, 2014. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/clio/article/download/40217/24580> acesso em 12 de Maio de 2022.

RAMOS, V.A.B. **O PROCESSO DE LUTO.** Portal dos psicólogos, 2016. Disponível em <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf> acesso em 07 de Maio de 2022.

REIS, V.C. **O SENTIDO DA VIDA NO ENFRENTAMENTO DO LUTO MATERNO POR SUICÍDIO.** Universidade Caxias do Sul, Curso de Psicologia, 2020. Disponível em <https://repositorio.uces.br/xmlui/bitstream/handle/11338/6819/TCC%20Vanessa%20Castilhos%20dos%20Reis.pdf?sequence=1> acesso em 29 de Abril de 2022.

SILVA, A.S.T; PINTO, R.L.G; MARTINS, A.A. **Implantação do protocolo de manejo de corpos pós-óbito no contexto do novo Coronavírus.** J. nurs. health. 2020;10(n.esp.):e20104013. Acesso em 25 de Outubro de 2022.

SOUSA, L.E.E.M. O processo de luto na abordagem gestáltica: **contato e afastamento, destruição e assimilação.** *IGT rede* [online]. 2016, vol.13, n.25, pp. 253-272. ISSN 1807-2526. Disponível em pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262016000200006 acesso em 12 de Maio de 2022.

SOUZA, M.P. **Entre a história e o luto: o ativismo de familiares de vítimas da ditadura militar no Brasil.** Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 16, n. 24, 1º sem. 2015. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2015v16n24p68/7990> acesso em 10 de Maio de 2022.